

A era digital e suas implicações sociais: Desafios e contribuições

PERFIL FARMACOTERAPÊUTICO DA ANSIEDADE E DEPRESSÃO EM UMA UNIVERSIDADE APÓS ISOLAMENTO SOCIAL

Ana Paula Calda Ponciano, Lucas Souza dos Santos, Ana Carolina Monteiro
Braga, Maxwell Feliciano Simões, Flávia Vitorino Freitas & Fabiana Dayse
Magalhães Siman Meira.

Universidade Federal do Espírito Santo/Centro de Ciências Exatas, Naturais e da
Saúde/Departamento de Farmácia e Nutrição, Rua Alto Universitário, S/N, Guararema – 29500-000
Alegre – ES, Brasil, [anapaulacaldaponciano@gmail.com], [lucas009983@gmail.com],
[anacarolinamonteirobraga@gmail.com], [mxw.feliciano@gmail.com], [flavitorino@gmail.com].
[fabiana.meira@ufes.br].

Resumo - O ambiente acadêmico é um local onde há cobrança excessiva ocasionando no aumento dos transtornos de depressão e ansiedade podendo acarretar o uso de medicamentos sem prescrição médica e orientação profissional. Neste contexto, o presente estudo avaliou o uso de medicamentos para o tratamento de ansiedade e depressão entre estudantes e servidores em uma universidade pública após o isolamento social ocasionado pela COVID-19. Foi utilizado um questionário auto-aplicável para avaliar as classes terapêuticas mais utilizadas por estudantes e servidores bem como a automedicação e reações adversas. Dentre os 354 participantes, observou-se que apenas 22,5% dos indivíduos faziam uso de medicamentos, sendo que 8,6% não possuíam prescrição médica e 42% relataram sentir entre 1 e 3 sintomas. Os medicamentos mais mencionados foram antidepressivos (69,1%) e ansiolíticos (23,5%). Conclui-se que há um uso expressivo de medicamentos para transtornos mentais entre a população acadêmica, que pode estar relacionado ao retorno das atividades presenciais durante a pandemia de COVID-19.

Palavras-chave: Farmacoterapia. Transtornos Emocionais. Estudantes. Servidores Públicos. COVID-19.

Área do Conhecimento: Ciências da Saúde - Farmácia

Introdução

Segundo a Organização Mundial da Saúde, a ansiedade e depressão são os transtornos emocionais mais comuns em todo mundo. No ano de 2019, cerca 301 milhões de pessoas conviviam com o transtorno de ansiedade e 280 milhões com o transtorno depressivo (OMS, 2022). O transtorno depressivo é determinado como redução ou ausência da capacidade de sentir prazer ou alegria em atividades do dia-a-dia, tristeza profunda com longa duração e alterações no apetite. Em contrapartida, o transtorno da ansiedade é caracterizado pela aflição excessiva relacionada ao futuro, gerando falta de controle sobre os pensamentos, sensação contínua de um acontecimento ruim e preocupação exaustiva acompanhada de tensão, podendo assim desencadear sintomas físicos e psicológicos (APA, 2013). Durante a pandemia da COVID-19, a vida de milhões de pessoas ao redor do mundo foi diretamente afetada e, consequentemente, resultou na amplificação do número desses transtornos (OMS, 2022).

Neste contexto, a rotina da população mudou drasticamente, em decorrência do isolamento e distanciamento social recomendados pelo Ministério da Saúde. Essas mudanças, além de diversos outros fatores impactam na saúde mental da população (DUARTE et al., 2020). O ambiente acadêmico pode trazer consequências psicológicas e emocionais tanto para os estudantes quanto para os servidores. Isso porque a cobrança excessiva em busca de resultados aliados a outros fatores como, incerteza acadêmica e o distanciamento da rede de apoio, como familiares e amigos, por exemplo, podem impactar negativamente a qualidade de vida e a esfera acadêmica desses indivíduos (FREITAS et al., 2021; LEÃO et al., 2018).

A era digital e suas implicações sociais: Desafios e contribuições

O tratamento desses transtornos pode ser feito por meio de acompanhamento psicológico, práticas de exercícios físicos e farmacoterapia, mas depende de cada paciente (BATISTA e DE OLIVEIRA, 2015; LEVITAN et al., 2011; SOUZA, 1999). Durante a pandemia, no Espírito Santo, segundo a Secretaria de Estado da Saúde, foram disponibilizados atendimentos psicossociais e psiquiátricos nos anos de 2020 e 2021 através do Sistema Único de Saúde totalizando 257.254 e 371.276 atendimentos, respectivamente, o que representa um aumento de 44%, se somado os serviços das redes municipais e estadual (SESA-ES, 2022). Entretanto, sabe-se que muitos destes pacientes, durante o desenvolvimento desses transtornos, acabam realizando automedicação. Essa pode ocorrer em diversas situações como: a aquisição de medicamentos sem receita, uso compartilhado de medicamentos, utilização de sobras medicamentosas de prescrições anteriores, utilização de receitas antigas e descumprimento de prescrição profissional com o intuito de prolongar, interromper ou aumentar a dose de medicamentos prescritos na receita original (PAULO et al., 1988; LOYOLA FILHO et al., 2002).

Estudos mostram que a população universitária tem consumido ansiolíticos, psicotrópicos anorexígenos e antidepressivos sem prescrição médica, como forma de automedicação, mesmo estes necessitando de receituário de controle especial, podendo causar dependência, além de vários efeitos adversos (SILVA et al., 2015). No contexto da pandemia, estudos mostram o aumento da automedicação em decorrência do uso irracional de medicamentos (MELO et al., 2021). Portanto, o objetivo deste trabalho foi avaliar o uso de medicamentos para depressão e ansiedade, bem como a automedicação e reações adversas, entre estudantes e servidores de uma universidade pública, após o retorno das atividades presenciais no fim do isolamento social da COVID-19.

Metodologia

O estudo se caracteriza como individual, observacional, descritivo e transversal e foi realizado na Universidade Federal do Espírito Santo, campus Alegre, localizado em Alto Universitário, s/n, Guararema, Alegre – ES. A pesquisa foi divulgada de maneira presencial e *online* e a participação se deu através de um formulário do *Google*, que aceitou respostas de setembro a dezembro de 2022. O trabalho obteve aprovação do comitê de ética através do parecer nº 5324232.

A população do estudo era composta por 3661 servidores e estudantes e a amostra aleatória simples foi obtida considerando precisão de 5%, efeito de desenho de 1,2, e a prevalência nacional do transtorno acrescida de 27,6%, considerando o impacto da COVID-19 de acordo com Santomauro e colaboradores (2021) além de considerar uma perda de 10% (DEAN et al., 2013). Por fim, estimou-se o N amostral mínimo de 113, sendo que a pesquisa obteve 354 participantes.

O formulário do *Google* hospedou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, o questionário autoaplicável contendo questões acerca da jornada acadêmica ou laboral, dados sociodemográficos, hábitos de vida e condições de saúde. Os dados foram codificados através do programa *Microsoft Excel* e analisados com o auxílio do *Statistical Package of Social Sciences* – SPSS v20.0. As frequências relativas e absolutas foram calculadas.

Resultados

A amostra total do presente estudo consistiu em 354 participantes, entre servidores técnicos-administrativos e discentes, sendo que 80,5% destes eram discentes. Na Tabela 1 encontram-se os dados sociodemográficos e os hábitos de vida. Nela, observa-se que 70,3% dos participantes eram do sexo feminino, com mediana de idade igual a 23 anos e que 71,2% destes, vivem só. Mais da metade dos entrevistados possuíam renda mensal de até 3 salários mínimos (65,3%), com residência na cidade onde a universidade está localizada (85,9%) e com Estado de origem predominantemente do sudeste (94,6%).

No que se refere aos hábitos de vida, observa-se que 56,2% dos participantes consomem álcool e 16,1% usam tabaco. Mais da metade da população (63,3%) possui menos de 7 horas de sono, considerando-o insatisfatório (54,5%). 59,6% praticam atividade física e apenas 34,5% praticam atividade de lazer ou integrativa.

A era digital e suas implicações sociais: Desafios e contribuições

Nos questionamentos sobre o uso de medicamentos, cerca de ¼ (22,9%) dos participantes da pesquisa utilizavam medicamentos para tratar a depressão e ansiedade. Quando questionados sobre acompanhamento, 23,7% relataram consulta com psicólogo e 14,4% consulta psiquiatra.

Tabela 1 - Caracterização sociodemográfica e hábitos de vida de estudantes e servidores de uma Universidade Pública (N=354)

Variáveis	N (%)	Variáveis	N (%)
Sexo		Consumo de álcool	
Feminino	249 (70,3)	Consome	199 (56,2)
Masculino	105 (29,7)	Não consome	155 (43,8)
Idade		Uso de tabaco	
Mediana (Intervalo Interquartil)	23 (21-28)	Fuma	57 (16,1)
		Não fuma	297 (83,9)
Estado civil		Horas de Sono	
Com companheiro	102 (28,8)	Menos de 7 horas	224 (63,3)
Vive só	252 (71,2)	Mais de 7 Horas	130 (36,7)
Renda mensal		Qualidade do Sono	
Até 3 salários mínimos	231 (65,3)	Satisfatório	161 (45,5)
Mais de 3 salários mínimos	123 (34,7)	Não satisfatório	193 (54,5)
Residência		Prática de lazer ou integrativa	
Cidade da universidade	304 (85,9)	Pratica	122 (34,5)
Outros	50 (14,1)	Não pratica	232 (65,5)
Moradia		Prática de atividade Física	
Com a família	110 (31,1)		211 (59,6)
Outros	244 (68,9)	Pratica	143 (40,4)
Estado de Origem		Não pratica	
Sudeste	335 (94,6)		
Outra região	19 (5,4)		
Relação com a instituição		Consulta com psicólogo	
Servidor	69 (19,5)	Sim	84 (23,7)
Discente	285 (80,5)	Não	270 (76,3)
Uso de medicamento		Consulta com psiquiatra	
Sim	81 (22,9)	Sim	51 (14,4)
Não	273 (77,1)	Não	303 (85,6)

Fonte: da autora

A tabela 2 apresenta os dados sobre o uso de medicamentos. Dos 22,9% da amostra que relatou usar medicamentos, observou-se que 49,4% usavam medicamentos para o tratamento de ansiedade, 2,5% usavam para tratar depressão e 48,1% relataram usar para depressão e ansiedade. Em relação à prescrição médica, 91,4% da amostra relatou possuir prescrição médica. Sobre a ocorrência de efeitos adversos, 42% daqueles que usavam medicamentos, relataram sentir entre 1 e 3 efeitos adversos. Além disso, outro fator importante a ser destacado são as classes de medicamentos que foram utilizados. 69,1% relataram o uso de antidepressivos e cerca de 1/4 (23,5%) faziam uso de ansiolíticos. Também foram citadas o uso de medicamentos fitoterápicos ou homeopáticos (6,2%), e estimulantes do Sistema Nervoso Central (3,7%). No entanto, 7,4% dos participantes não lembraram o nome dos medicamentos utilizados.

A era digital e suas implicações sociais: Desafios e contribuições

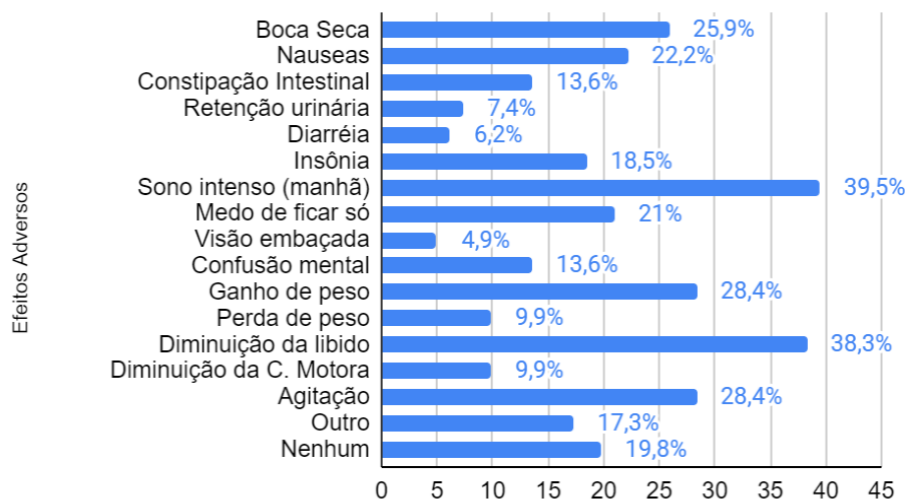
Tabela 2 - Farmacoterapia de estudantes e servidores de uma universidade pública (N=81)

Variáveis	N (%)	Variáveis	N (%)
Motivo de uso		Efeitos adversos	
Ansiedade	40 (49,4)	Nenhum	20 (24,7)
Depressão	2 (2,5)	Entre 1 e 3 sintomas	34 (42)
Ansiedade e depressão	39 (48,1)	Entre 4 e 6 sintomas	16 (19,8)
		Acima de 7 sintomas	11 (13,6)
Medicamentos		Prescrição	
Ansiolítico/Sedativo/Hipnótico	19 (23,5)	Possui	74 (91,4)
Antidepressivo	56 (69,1)	Não possui	7 (8,6)
Anticonvulsivante	16 (19,8)		
Antipsicótico	10 (12,3)	Recebeu orientação	
Estimulante	3 (3,7)	Sim	77 (95,1)
Fitoterápico	5 (6,2)	Não	4 (4,9)
Lítio	5 (6,2)		
Outros	3 (3,7)		
Não lembra	6 (7,4)		

Fonte: da autora.

O Gráfico 1 ilustra os principais efeitos adversos relatados. Pode-se observar que sono intenso pela manhã, diminuição de libido, ganho de peso, agitação e boca seca foram os efeitos mais prevalentes.

Gráfico 1 - Principais efeitos adversos observados



Fonte: da autora

Discussão

O objetivo desta pesquisa foi verificar o uso de medicamentos pela população acadêmica para o tratamento de depressão e ansiedade. De acordo com a análise dos dados, pode-se observar que 22,5% dos participantes fazem uso de medicamentos, sendo que 8,6% não possuíam prescrição médica. No que tange o aparecimento de efeitos adversos relatados pelos participantes deste estudo, o seu aparecimento pode ser em decorrência de problemas na farmacocinética e farmacodinâmica no uso dos medicamentos, a presença de comorbidades, interação medicamentosa, bem como a realização de administração inapropriada do fármaco, monitoramento e tratamento inadequado

A era digital e suas implicações sociais: Desafios e contribuições

(SCRIPCARU e MATEUS e NUNES, 2017). Isso torna o acompanhamento com o prescritor um fator importante uma vez que, no presente estudo, dos 354 voluntários da pesquisa, apenas 14,4% faziam consulta com o psiquiatra.

Uma pesquisa realizada por Oliveira e colaboradores (2022), observa-se que dentre os múltiplos efeitos adversos que mais foram relatados, destacam-se nervosismo, insônia, agitação, perda de peso e sonolência diurna. Já os menos citados foram: visão embaçada, euforia, constipação, boca seca e vômito. Todavia, nossos resultados mostraram que os sintomas mais citados foram sono intenso pela manhã, diminuição da libido, agitação, ganho de peso e boca seca. Também foi possível observar que os efeitos adversos menos abordados foram visão embaçada, diarreia, retenção urinária, perda de peso e diminuição da coordenação motora. É importante ressaltar que além de causar danos à saúde dos usuários, reações adversas e de hipersensibilidade geram gastos à saúde pública (DA SILVA et al., 2021; OLIVEIRA et al., 2022).

Além disso, um estudo realizado em 2021 mostra que a prevalência de automedicação no meio acadêmico é elevada, seja na tentativa de autopromoção da saúde ou por contato direto com os medicamentos. Esse número é ainda maior, nas instituições que possuem cursos da área da saúde (DA SILVA et al., 2021). Embora a maioria dos medicamentos citados pelos participantes desta pesquisa sejam de venda controlada e sob prescrição médica, cerca de 6,2% utilizam medicamentos fitoterápicos, estes na maioria das vezes podem ser obtidos mais facilmente ou possuem sua venda livre. Neste contexto, segundo Silveira e Bandeira e Arrais (2008), é importante ter cautela no uso de fitoterápicos uma vez que esses medicamentos, embora sejam originados de plantas, também possuem substâncias químicas que podem interagir com outros compostos. Diante de todo o exposto, outro ponto importante a ser destacado é a importância do profissional farmacêutico na orientação sobre o uso racional de medicamentos uma vez que a prática de automedicação pode trazer consequências à saúde do usuário.

Conclusão

Conclui-se que o uso de medicamentos para o tratamento da depressão e ansiedade foi expressivo, fato que pode estar relacionado ao retorno das atividades presenciais com o fim do isolamento social acarretado pela pandemia de COVID-19. E, por isso, é de suma importância educar e informar a população acerca das problemáticas envolvendo a prática de automedicação. Isso porque a tentativa de autopromoção da saúde pode acarretar reações adversas e de hipersensibilidade. Neste sentido, o profissional da saúde, sobretudo, o farmacêutico, possui um papel fundamental no diálogo com o paciente sobre as consequências do uso indevido de medicamentos.

Referências

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). **Diagnostic and statistical manual of mental disorders DSM-5**. Washington: APA; 2013.

BATISTA, Jefferson Isaac; DE OLIVEIRA, Alessandro. **Efeitos psicofisiológicos do exercício físico em pacientes com transtornos de ansiedade e depressão**. *Corpoconsciência*, p. 1-10, 2015.

DA SILVA, Wenderson Bruno Herculanio et al. Quais razões levam jovens universitários da área de saúde a fazerem uso de automedicação?. **Global Academic Nursing Journal**, v. 2, n. 2, p. e143-e143, 2021.

DEAN AG.; SULLIVAN KM; SOE MM. OpenEpi: **Estatística epidemiológica de código aberto para saúde pública**. 2013. Disponível em: <http://www.openepi.com/Menu/OE_Menu.htm>; Acesso em: 16 abr. 2019.

DUARTE, M.Q.; SANTO, M.A.S.; LIMA, C.P.; GIORDANI, J.P.; TRENTINI, C.M. **Covid-19 and the impacts on mental health: a sample from Rio Grande do Sul, Brazil**. *Ciência & Saúde Coletiva* [Internet]. 2020 Sep 1;25(9):3401–11.

A era digital e suas implicações sociais: Desafios e contribuições

FREITAS, Ronilson Ferreira et al. Prevalência e fatores associados aos sintomas de depressão, ansiedade e estresse em professores universitários durante a pandemia da COVID-19. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, v. 70, p. 283-292, 2021.

LEÃO, Andrea Mendes et al. Prevalência e fatores associados à depressão e ansiedade entre estudantes universitários da área da saúde de um grande centro urbano do Nordeste do Brasil. **Revista brasileira de educação médica**, v. 42, p. 55-65, 2018.

LEVITAN, Michelle N. et al. Diretrizes da Associação Médica Brasileira para o tratamento do transtorno de ansiedade social. **Brazilian Journal of Psychiatry**, v. 33, p. 292-302, 2011.

LOYOLA FILHO, Antônio Ignácio de et al. Prevalência e fatores associados à automedicação: resultados do projeto Bambuí. **Revista de Saúde Pública**, v. 36, p. 55-62, 2002.

MELO, José Romério Rabelo et al. Automedicação e uso indiscriminado de medicamentos durante a pandemia da COVID-19. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 37, 2021.

SCRIPCARU, Gianina; MATEUS, Ceu; NUNES, Carla. Adverse drug events—Analysis of a decade. A Portuguese case-study, from 2004 to 2013 using hospital database. **PloS one**, v. 12, n. 6, p. e0178626, 2017.

SANTOMAURO, D. F. et al. Global prevalence and burden of depressive and anxiety disorders in 204 countries and territories in 2020 due to the COVID-19 pandemic. **The Lancet**, v. 398, n. 10312, p. 1700–1712, 2021.

SECRETARIA DE ESTADO DA SAÚDE DO ESPÍRITO SANTO. **Janeiro Branco: mês é dedicado aos assuntos e cuidados sobre saúde mental**. Disponível em: <https://saude.es.gov.br/Not%C3%ADcia/janeiro-branco-mes-e-dedicado-aos-assuntos-e-cuidados-relacionados-a-saude-mental>. Acesso em: 01 jun. 2023.

SILVA, L. B. D. et al. Consumo de medicamentos e prática da automedicação por acadêmicos da área de saúde da Universidade Estadual de Londrina. **Revista espaço para a saúde**, Londrina, v. 16, n. 2, p. 27-36, abr. 2015.

SILVEIRA, Patrícia Fernandes da; BANDEIRA, Mary Anne Medeiros; ARRAIS, Paulo Sérgio Dourado. Farmacovigilância e reações adversas às plantas medicinais e fitoterápicos: uma realidade. **Revista Brasileira de Farmacognosia**, v. 18, p. 618-626, 2008.

SOUZA, Fábio Gomes de Matos. Tratamento da depressão. **Brazilian Journal of Psychiatry**, v. 21, p. 18-23, 1999.

PAULO L.G, ZANINE A.C. Automedicação no Brasil. **Revista Associação Médica Brasileira**, v.34, p. 69-75, 1988.

WORLD HEALTH ORGANIZATION et al. World mental health report: transforming mental health for all. Geneva: **World Health Organization**; 2022. 2022.